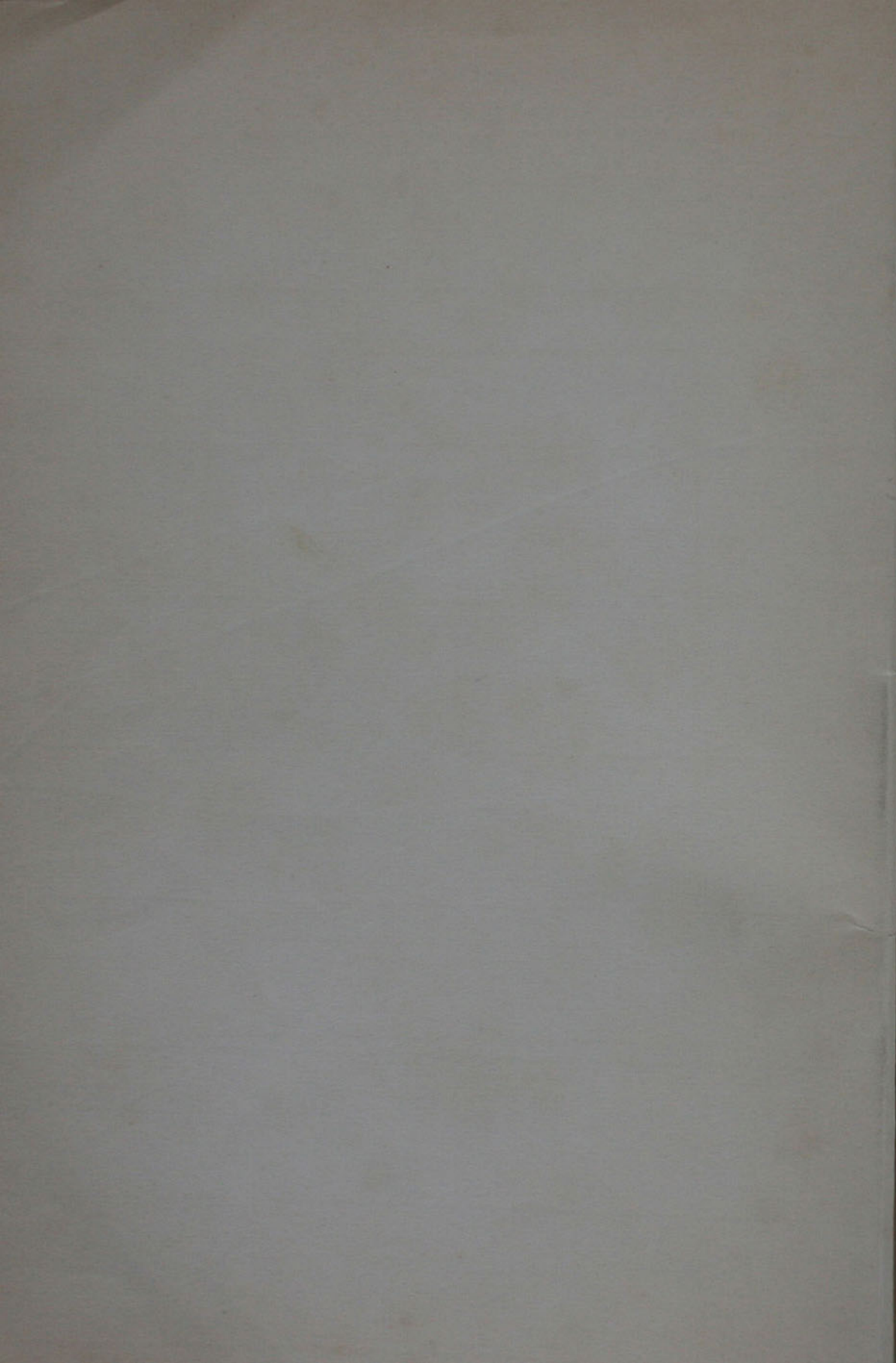




SENSUAIS **Helena Maria**

2
REFÁCIO DE
Artur Augusto




Em FERNANDO PESSÔA, admirado
muito particularmente, o seu
alto senso crítico e a sua
sensibilidade.

ARTUR AUGUSTO

Livr 1-3-34

EX-LIBRIS

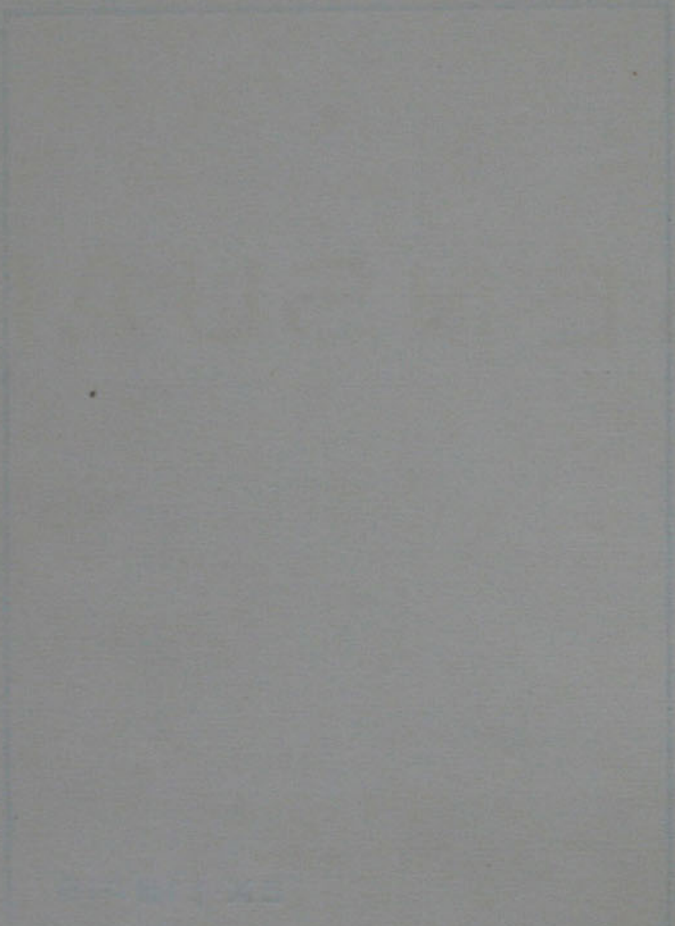


DE HELENA MARIA
BREVEAMENTE NAS
EDIÇÕES MOMENTO
— C A R T A S —

HELENA MARIA

SENSUAIS

EDIÇÕES
MOMENTO
EM ORGA-
NIZAÇÃO
OUTONO DE
1 9 3 3



DE HELENA MARIA
BREVEAMENTE NAS
EDIÇÕES MOMENTO
— C A R T A S —

HELENA MARIA

SENSUAIS

EDIÇÕES
MOMENTO
EM ORGA-
NIZAÇÃO
OUTONO DE
1 9 3 3

PREFÁCIO

É um logar comum o afirmar-se, sêr a mulher um enigma vivo. E' um logar comum, muitas vezes falso, mas tambem, por vezes, verdadeiro.

A maioria das mulheres são aquilo que são e aparentam sêr: não teem contradições porque a sua vida decorre calma; não são enigmas e nem mesmo sabem o que isso quere dizer. É de essas que Schopenhauer dizia que eram monstros com cabêlos compridos e ideias curtas.

Mas a mulher inteligente é sempre um enigma que nós outros, os que vivemos para o mundo das ideias, desejamos interpretar.

Interpretar o pensamento de uma mulher, e, o que é mais, explicá-lo, tem um grande inconveniente: o de expôrmos toda a nossa sciência psicológica, todo o pretenciosismo do nosso sabêr ao mais retumbante dos insucessos.

Quando procuramos compreender a mulher inteligente, uma única conclusão nos surge nítida: é que todas as mulheres são diferentes, e cada mulher é diferente de si mesma.

Ser-me-ia difficil, quasi impossivel mesmo, dizer duas palavras acertadas ácerca dessa complexa e contraditória organização de mulher superior que é a de Helena Maria, se não fôsse a convivência estreita, quotidiana, que ha quasi dois anos nos prende.

E durante êsse tempo, tão breve para mim como um

pensamento no cerebro de uma criança, cada vez mais se me foi radicando a convicção de que o espirito de Helena Maria é dos mais desequilibrados de quantos teem baixado sôbre um corpo humano.

Se é verdade o que a sciência positiva nos afirma ácerca dos neurasténicos, dizendo sêr a sua doença o ponto de partida para todas as enfermidades psíquicas, Helena Maria, observada debaixo do aspecto nosográfico, oferece-nos um soberbo campo de análise. É que a neurastenia, como determinante dos desvios do normal, actuou poderosamente nêsse «sêr» privilegiado, produzindo um dos temperamentos mais exquisitos que teem acordado para a vida do pensamento. Ora alegre, meiga e contemplativa, ora triste, violenta ou cheia de uma actividade interior, como uma vasta fornalha de um transatlântico.

Se me fôsse possível catalogar seus estados de alma como quem cataloga uma biblioteca de filosofia, ou uma colecção de cristais, procuraria, fazendo a análise de cada um estado de per si, demonstrar que raras vezes como neste caso, uma só alma humana foi tão fortemente varrida pelas diversas maneiras de «sêr» que costumam caracterisar uma personalidade.

E agora, partindo de uma negativa, chegarei à afirmativa oposta, sem construir paradoxos nem argumentar com subtilidades:

A «maneira de sêr» de Helena Maria não é caracterizada pela existência de qualquer «maneira de sêr» comum; mas, precisamente porque ela não está incluída dentro de algum grupo normal e porque a sua personalidade é a resultante de uma mistura vaga, informe e complexa de diversos estados de alma, poderei afirmar que ela possui no mais alto grau essa confusão de instintos, desejos e necessidades, que constituem aquêlê fascículo unido a que chamamos personalidade.

Helena Maria tem pois uma personalidade autónoma, completamente diferente de todas as outras personalidades femininas que conheço. E é nêsse modo de «sêr» que reside, para mim, o maior interesse no estudo e explicação da sua arte.

Sendo ela um temperamento contraditório, fatalmente a sua arte reflectiria essa mesma contradição.

*

*

*

A poesia de Helena Maria é a verdadeira poesia do amôr em Portugal.

Não era verdadeira, não condizia com o nosso temperamento ess'outra poesia amorosa, de sexualidade indefinida, casta, que, para falar na posse, punha cândidamente um veu de metáforas, o que tirava toda a beleza do pensamento.

O amor, cá nas regiões do meio dia, é brutal, alucinante, cheio de apetites grosseiros e por isso mais humano: é o amor grêgo, da velha Grécia sempre nova.

O amor, no comum dos nossos poetas, é o amor nórdico, cheio de neves, gelado como a face de um morto.

Contraria a nossa sensibilidade: é um amor mentiroso.

Nós, cá os do sul, não sentimos assim. Facilmente se inflama o sangue nas nossas veias, e ferve, e apetece o enlameamento dos corpos, no qual êstes se confundam.

E à luz criadora do grande Sol, os desejos reverdecem, tomam o corpo, perturbam-nos o espírito.

Na poesia de Helena Maria há tudo isto: e por isso, em boa verdade poderei afirmar que ela é a poesia realista, não de escola, mas de sensibilidade, e que traduz de uma forma viva o tumultuar dos nossos desejos incandescentes e brutais.

É a verdadeira poesia do amor peninsular.

*

*

*

A beleza, ou antes, a perfeição sensual das formas, é para Helena Maria o ponto de partida de todo o seu desejo, caracterizado no instinto mais animal que é o da posse:

... êste prazer de te possuir
e me sentir dominada...

Talvez porque a poetisa entenda que não ha objectos materiais, mas sim sensações.

No entanto, a ideia da posse persegue-a de uma maneira brutal, preocupa-a sempre; tortura-a:

que se me entregasse
inteiramente.

Mas onde esse desejo obsediante se revela em toda a plenitude, tomando um aspecto mórbido, é nessa admiravel poesia, a *teoria do ciúme*:

Queria-te mórto,
deitado no meu leito,
para te possuir inteiramente.

*

*

*

A poesia de Helena Maria é toda dominada por um fundo pessimista, produto do seu desejo sempre grande e sempre irrealizado.

A realização de um desejo, implica nela um novo desejo de realizar mais e diferente.

E porque o cerebro é mais rápido do que a acção, ficam sempre á margem muitos pensamentos que não chegaram a tomar corpo, nem mêsmo a definirem-se concisamente. São desejos inominados, vagos e tumultuosos, oscilantes como a sua vontade.

*
* *

No amôr, não ha recantos, subtilezas ou mistérios onde a alma da artista não tenha penetrado.

Analisa o prazer, disseca-o friamente, para logo êsse prazer se transformar em tédio, e ao mesmo tempo preverter-lhe os sentidos que já não vibram, por muito terem vibrado:

porque te desejei demais
o amôr morreu em mim...

*
* *

Helena Maria não se revela na convivência diária, antípoda da sua arte, sendo esta pois o resultado lógico do seu sentir, e não, como acontece com muitos escritores, um pro-

ducto abstracto, resultado de um paciente e contínuo trabalho para atingir um fim.

Na circunferência sentimental do seu sentir tocam e confundem-se o fim e o princípio.

A sua arte não tem princípio, nem meio, nem fim: estes três elementos de seqüência, confundem-se de tal modo, que impossível seria querer desfia-los, como quem desfia as linhas de um cabo. Eis porque esta colecção de poemêtos não tem seqüência entre si, como as células orgânicas de um «sêr», mas forma um poema de maravilhosa unidade, todo inteiro.

Os sonhos de amor não teem, dentro do seu subjectivismo, nem podem têr, imperfeições.

Estas poesias, que ora são publicadas em volume, formando a transição entre o sonho e a realidade, só teem imperfeições na sua parte mais humana...

*
* *
*

Helena Maria, para mais facilmente se entranhar na poesia, libertou-se da materialidade do verso medido, enfileirando galhardamente no número dos novos, para os quais, acima da intuição comum, colocam a intuição pessoal.

A ideia creadora, que tem implicita ess'outra de insatisfação e de realisação contínua e nova dos nossos sentidos,

arrasta consigo a tragédia sombria da originalidade. E porque a originalidade sempre lutou contra a rotina, é de esperar um movimento de surpresa e reacção contra os versos de Helena Maria.

Falando-me a propósito dessa reacção, disse-me ela :

— «Sei que vou sêr censurada; mais ainda, repelida e insultada pelos moralistas. Mas a consolação que me resta é de que bastava um acêno meu para os maiores censores se calarem, e, quem sabe, escreverem artigos laudatórios, embora firmados com pseudónimos.»

E' bem certo: o homem ha-de revelar-se sempre como um animal de appetites grosseiros, deixando prevalecer aavez de tudo a sua animalidade!

Estes poemetos aí vão, sem hipocrisias nem cinismos: falando-se no mal aprende-se a comprehender o bem.

ARTUR AUGUSTO

A TI: ÊSTES
POEMAS DO NOSSO
AMÔR

FRAGMENTO DE
U M A C A R T A

... ontem, esperei-te como sempre;
mas, oh doce amada, tu não vieste.

A.

PRÓLOGO

O vento sul visita os campos durante a noite,
e de repente, a colina está coberta de espigas
doiradas.

PAI-KIU-I

Hoje vou começar uma vida nova...

A vida é bela e o amôr a sua mais alta anciedade.

Hei-de colher o fruto dôce dos lábios da glória, e o
meu noivo, que me espera, ha-de também colher nos meus
lábios o sabôr do triunfo...

Êle ha-de ver-me voltar, um dia, coberta de glória e
ainda quente pelo ardôr do combate:

Então poderei colher as rosas de ouro, da roseira
linda, que plantei nêste meu tão formoso jardim.

P Ó R T I C O

Êste amôr que me domina,
e me traz quasi demente,
é só por tí, luz divina:
és a Morte certamente!

SENSUALIDADES

Como o vento embala o mar
em noites de tempestade,
tu embalas-me em teu colo
e adormeces-me a cantar.

TRILOGIA DA MINHA SENSUALIDADE

I

Hei-de contigo dormir
e apertar-te em meus braços,
homem que sonhei meigo,
morêno e divinal.
Hei-de apertar-te em meus braços
até que de cansados
êles me caiam dormentes.
Hei-de cobrir-te de beijos
sensuais e prolongados;
que eu quero ver em teus olhos
os lampejos do homem
que de goso vai morrer.
Hei-de cobrir-te de beijos
no meu leito de rosas...
Hei-de morder teus lábios,
e tuas mão venenosas.

II

Teus braços envolvem-me
o corpo delgado
numa furia ardente;
e eu mordo teus lábios
desesperadamente
sorvendo o teu sangue
que me embriaga.
Sorvo o sangue
até cair desmaiada,
amortecida de volupia;
mas tu, insaciavel,
continuas apertando-me,
segredando baixinho
mil loucuras de amôr...

...e eu caída, desmaiada,
amortecida de gôso.

III

Teu corpo esvelto e gracioso
escita a minha sensualidade:
não durmas, vem a meu leito,
homem de rôsto formoso.

Teus olhos lindos,
uma lagrima feita saudade,
beijarei toda a noite,
de mansinho, com suavidade.

Vem a meu leito
homem de rôsto formoso
que eu quero beijar
teus braços:
Vem!

O TEU REGRESSO

Debalde esperei o teu regresso :
tu não voltaste!
À minha cama, viuva de teu corpo,
já me não aquece.
...e quíz amar outro homem,
que tivesse, como tu,
o corpo morêno
e rijo e quente,
que se me entregasse
inteiramente :
que tivesse, como tu,
o corpo forte
que se amoldasse
às minhas mãos...
... mas não encontrei...
e em balde espero
o teu regresso,
oh homem amado
que sempre eu desejei.

Ê L E

Sempre que te vejo,
de olhar parado,
a boca perversamente sensual,
vem-me ao cérebro
aquêlê homem fatal
da minha infância:
a infância de todas nós...

Sim; és êle,
aquêlê homem
que já morreu
e foi o meu primeiro amôr;
o primeiro amôr de todas nós.

Olhar parado, mudo,
provocando a tentação...

Foi êle, foi êle
que de ha muito mudou em pedra
o meu desvairado coração.

DO NOSSO DESEJO

DIÁLOGO

— Teus lábios belos são quentes
como dois rubros carvões;
e teus braços são serpentes
que me embalam cegamente
pela vida aos trambolhões.

— Desejo-te porque és bela
e tens um corpo morêno,
pequeno como uma estrêla,
e mais um seio redondo,
como uma bola
que rebola
em minhas mãos.

... tens um corpo morêno
e um seio pequeno.

SEMPRE

Oíço ao longe o toque das matinas,
vejo a luz crescer a pouco e pouco.
E nós, um ao outro unidos,
num desejo louco...

Vês as flôres naquela jarra?
Pois o calôr dos nossos beijos
faz desmaiar os lírios,
e as rosas brancas
fenecem de desejos.

À quieta manhã vai alta já;
e nós, enlaçados os braços,
aos abraços,
num desejo fremente.

— Minha amante: dá-me os teus lábios.
— meu amado: beija-os longamente.

TEUS OLHOS

Quando eu, louca
de tuas carícias,
sinto a vida fugir
pouco a pouco,
e me agarro a ti;
tu, sensual e febril,
beijas-me a boca.
E estremecimentos brutais
percorrem-me o corpo.
Eu sinto a tumidez
de teus olhos
encher de desejos
meus lábios sensuais,
e beijo-te loucamente,
numa fúria cega,
até cair para o lado,
perdidamente,
como um ébrio
numa calçada.

A U L T I M A E T A P E

Tombam as pálpebras dôcemente
sobre meus olhos cansados.

Tenho os nervos dormentes,
embriagados de um prazer
que não tem fim:

êste prazer de te possuir
e me sentir dominada
pelos teus beijos em braza.

Tombam as mãos, insaciadas
de procurar a volúpia
nas formas virís
do teu corpo.

Mas o prazer tem seu fim
onde começa o tédio;
e para mim
antes quero a morte
do que sentir o fim do prazer.

Meu amôr: se havemos de sofrer,
morramos em beleza.

NUNCA TE DESEJEI MAIS

Tens a face amarela,
os olhos cavos e fundos;
parecem dois granitos,
dois grandes mundos,
onde meus olhos se perdem
espreitando a tua morte
que já sinto tão perto...
Não chores a tua sorte,
porque te desejo mais,
assim, tuberculoso,
do que alegre como eras.
Prefiro-te silencioso,
pois já julgo vêr em ti
a sombra da morte,
que breve ha-de pairar,
por sobre mim.

NESSA NOITE

Nessa noite,
quando chegaste,
muito branco,
beijei-te
as mãos frias...

Como tu vinhas...
Nervoso,
muito branco...
Disseste-me : quero
ser teu
e para sempre !
Sentei-me
junto a ti,
despiste-me tôda,

Os meus seios
anciaram
pelos teus beijos,
e os teus lábios
desejaram
os meus seios.

.....

Por fim adormecêmos:
já noite alta
sonhei com cravos
vermelhos.

INDIFERENÇA

Não quero que ninguém saiba
que te beijo friamente;
quero que todos digam
que és tu o meu amante,

que só a ti eu quero,
e ninguém mais me pode interessar.
Só assim os outros homens
te quererão me roubar.

E as mulheres, ao verem-te,
amado por mim loucamente,
far-te-hão mil promessas de amor...

Todos nós somos assim,
quer sejamos homem ou mulher.
Não somos constantes
nem um só dia sequer.

DO MEU AMÔR

Hoje sei que tu és meu,
que não me podes largar...
És meu, como são minhas
essas noite sem luar.

E tua alma é mais nêgra
do que minha alma escurecida;
tua alma é poça estagnada,
sem luz, sem ar e sem vida.

Nunca tive um só amôr,
todos os homens eu desejei:
por isso me desejas a mim
que nunca te quize e te beijei...

Hoje sei que tu és meu,
que não me podes largar.
És tão meu como a espuma
é do fundo e vasto mar.

DESEJO

TEORIA DO CIUME

Queria-te morto,
deitado no meu leito,
para te possuir inteiramente...
queria-te de olhos cerrados,
a bôca fria,
as mãos paradas,
como se nada desejaesses
nem sentisses.
Era então,
que num espasmo revoltante
eu cobriria de beijos
a tua carne rôxa
e os lábios brancos...
Queria-te morto,
deitado no meu leito.

C A R T A

Sê sincero:

Para que nos havemos de zangar,
se, mêsmo assim,
longe,
os nossos corpos
se desejam
e se confundem
na mêsmã ânsia de amôr?

Porque para me aborrecer
entreguei o meu corpo
a outro,
pensas por isso
que o desejei como a ti...

Não: êle não é morêno,
nem tem os olhos castanhos
nem me falou de loucuras.
Era bom, calmo e suave.

E eu, se te desejo,
é porque és um revoltado!
Sê sincero:
tu também
me desejas
e com loucura,
porque tens ciumes.
Vem e esquece.

SACIEDADE

Porque te desejei demais,
o amôr morreu em mim...
À tua boca escarlate,
rosa rubra de desejos,
já não acende lampejos
de volúpia, nos olhos meus.
E agora, quando te beijo
a face escaldante de luxúria,
sinto o sabôr de coisas mortas
a bailar estranhamente
nos meus gelados lábios.
Já não amo a tua face quente
como outrora a amei.
Já não quero os teus olhos
porque demais os beijei.

CANTARES

Nesta funda e vil tristeza
desta vida toda vã,
a noite é muito longa,
e muito breve a manhã.

1

Ouve: me disseste;
e muito baixo, a mêdo:
amôr, deixa-me beijar-te
em segrêdo
os teus lábios rubros
e longamente apertar-te
contra o meu peito.

Olhei-te, quási sorrindo
ao pedido que fazias:
pois se eu já era tua...
Disse-te: sim amôr, beija-me.
Despiste-me toda,
apertaste-me em teus braços,
e só então compreendeste
que eu também era tua.

2

Tomei-te a mão morêna,
fria de neve,
aconcheguei-a ao meu peito,
muito ao de leve,
onde só moram decepções.
Pedi-te, meu noivo Ideal,
que me cantasses umas canções
estranhas e sensuais.
Mas tu eras casto
e não me compreendeste
nessa hora... e nunca mais...

Assim passaste,
sem me compreenderes,
nesta vida deserta.
Tu, a quem cubicei
o corpo moreno e imaculado
e muito te desejei,
és o meu eterno desejado.

3

Fui ontem encontrar-te,
os olhos rasos de água,
chorando aquela que perdeste;
e deante da tua mágua
eu chorei também contigo.

Enlacei-te em meus braços,
beije-te os olhos tristes
e bebi as tuas lágrimas.

Sofri mais do que tu,
mas em silêncio...

Por fim compreendeste o meu desejo:
desapertaste-me a túnica de sêda,

beijaste-me as mãos, o colo, os seios.

.....

... e num turbilhão de volúpia
nos deixamos ficar, esquecidos do mundo.

4

Nesta noite, indiferente
às tuas carícias loucas,
quero só
beijar-te os olhos húmidos,
afagar-te docemente
as formas divinais,
beijar-te os lábios túmidos
e muito lentamente
esvair-me para o nada
ao teu lado, no teu leito,
encostando a minha cabeça
no teu peito.

5

Estavamos junto da praia
olhando o velho mar...

Eu lia em teus olhos
cansados e tristes,
saudades de Alguem...

E tu scismando,
olhavas o além.

Tentei, em louca vertigem,
cobrir-te os olhos de beijos;
mas a tua carne era virgem,
virgem de desejos...

E nós junto da praia
olhando o velho mar...

Então mordi-te o corpo belo
até vê-lo coberto de sangue...
Só assim me olhaste
e beijaste o meu cabelo.

... e o velho mar,
a nossos pés,
continuamente a soluçar...

6

... que me apertais em vossos braços.

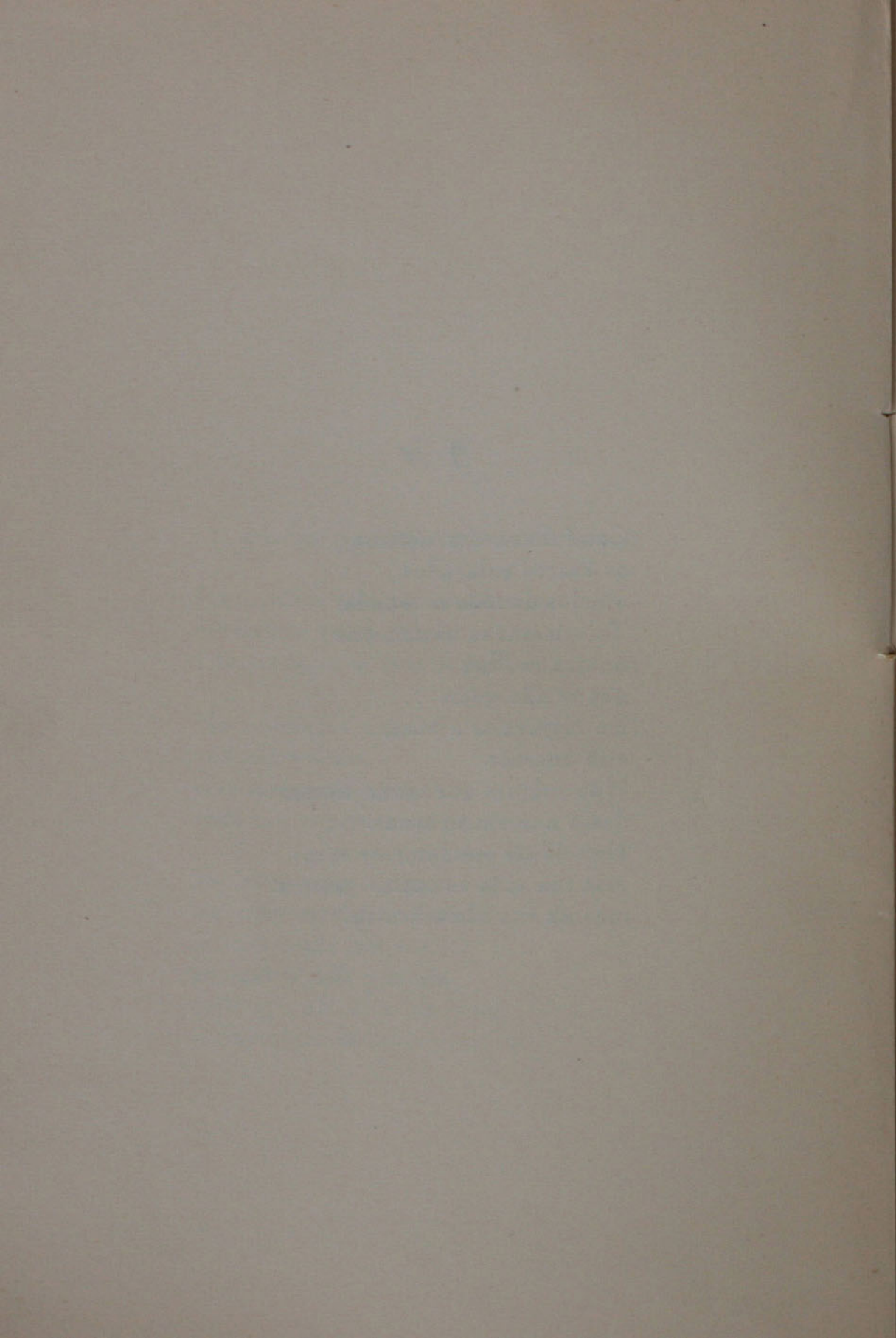
Meus olhos scismam de desejos
olhando o vosso cabelo
e beijando os vossos beijos.

Ha muito me sinto só:
vós não voltais,
e eu lembrando-vos,
cada vez vos quero mais.

No vosso corpo esguio,
delicado, morêno e forte
scismo desde que vos vi;
envolvida nêle, em vós,
convosco iria além da vida,
muito além da própria morte.

7

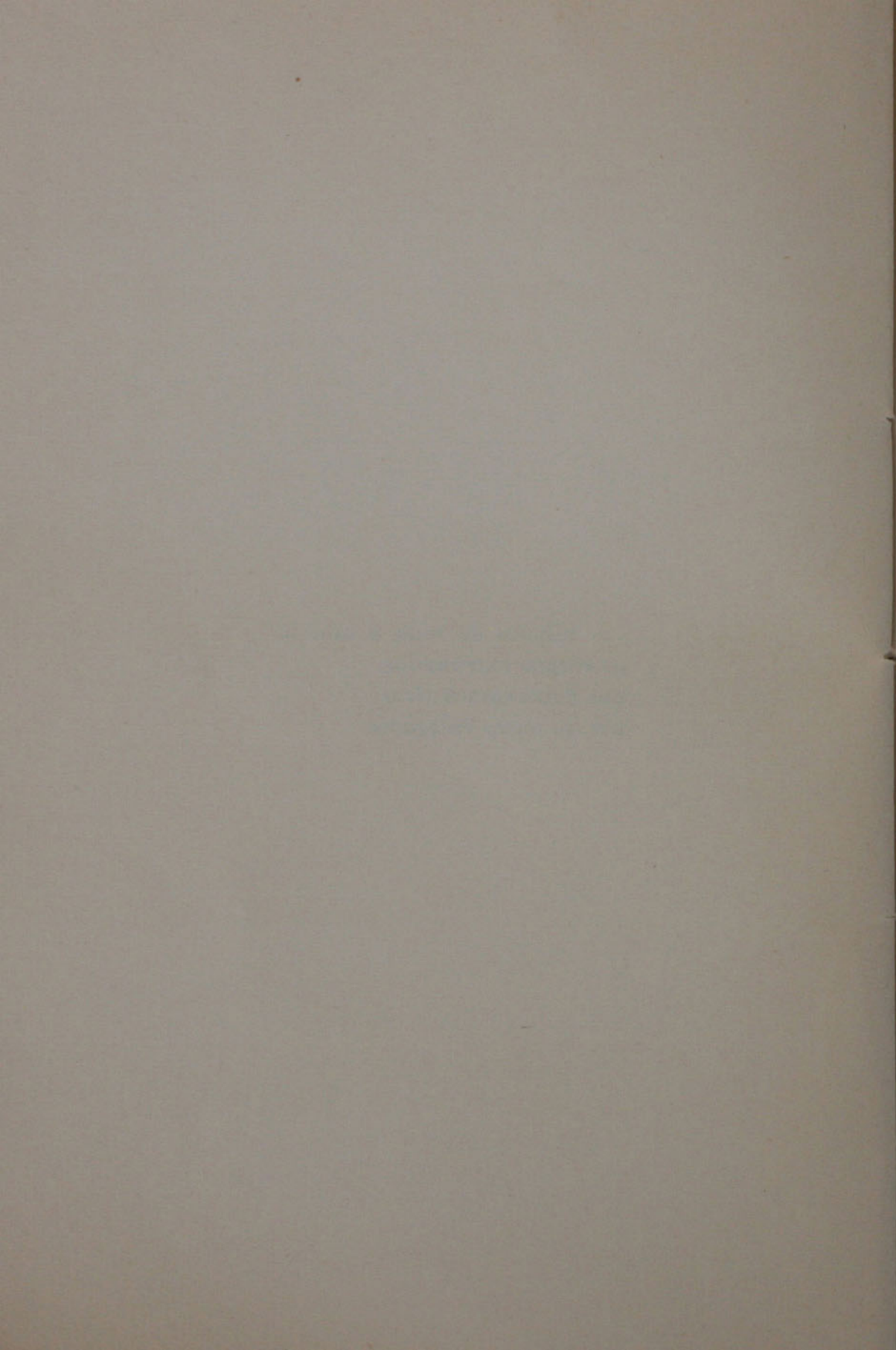
Caminhavamos sósinhos,
os braços enlaçados,
alheios de todo o mundo.
Tu scismavas tristemente
noutra mulher
que te não quiere...
Eu beijava-te a bôca,
e tu ausente.
Não julgues que tenho ciumes
dessa a quem tu amas.
Has-de sêr eternamente meu:
pela tua vida as outras passam
mas na tua alma fico eu.



RESTOS DE UM POEMA
QUE ALGUEM, PERDIDA
DE CIUMES, QUEIMOU

THE HISTORY OF THE
CITY OF NEW YORK
FROM 1609 TO 1898
BY JOHN B. HOGAN

... alheios de todo o mundo,
os corpos extenuados,
nos deixavamos ficar
um ao outro enlaçados.



BALADA DO AMÔR
MEDIEVAL

BALADA DO AMOR
MEDIEVAL

FRIZO DA MEIA IDADE

FRIZO DA MEIA IDADE

UNIVERSITY OF MICHIGAN

Eu queria ter-vos comigo,
bem junto ao pé de mim;
os olhos fitos nos vossos,
neste mundo, até ao fim.

Ficarei eternamente
neste mundo á vossa espera;
numa manhã voltareis,
— em manhã de primavera.

Meu olhos andam tão tristes,
as mãos, viúvas de beijos:
aí meu amôr: nunca troces,
dos meus desejos!

EPÍLOGO

EPILOGO

...e o Senhor marcou-a com o dedo, e ela
andou errante pelo mundo...

Foi ha dez anos já, que parti da minha casa, toda
caída de branco, escondida naquela aldeia alegre...

E hoje, venho encontrar, ressequida e abandonada, a
roseira de rosas de ouro que ha dez anos floresceu, alegre e
radiosa, no meu jardim de adolescente.

Dez anos...

Tudo passou, sem vestígios, tristemente.

O meu noivo, que cuidei me esperasse, sei lá dêle...
Morreu como as rosas de ouro, numa manhã triste de
Dezembro.

E o pombal com suas pombas brancas?

E a minha febre de glória, e as minhas ilusões?

Nem sei de mim própria que ando a vaguear pelo
mundo em minha Dôr...

Ah roseira de rosas de ouro, antes te não tivesse
plantado.

T A B O A
&
O U T R A S
C O I S A S

PREFÁCIO
DEDICATÓRIA
SENSUALIDADES
&
CANTARES

E D I Ç Õ E S
“ M O M E N T O ”
— EM ORGANISAÇÃO —
RUA DOS FANQUEIROS
— — — N.º 65 — 2.º — — —
L I S B O A
D E L E G A D O N A
A M É R I C A D O S U L
DR. ALBERTO OAKIM
AV. RAÍNHA ELIZABETH
94 — RIO DE JANEIRO

“MOMENTO” EDITA
N A P R I M A V E R A
— — — D E 34 — — —
A M U L H E R D O S
D O I S C O R A Ç Õ E S
D E A R T U R A U G U S T O
— — — — E — — — —
- H É L L A D A -
F R I S O S G R Ê G O S
D E J O S É A U G U S T O

E A C A B O U
D E S E C O M P O R
E I M P R I M I R
A O S V I N T E E T R Ê S
D I A S A N D A D O S
D O M Ê S D E N O V E M B R O
D O A N O D E 1933
N A T I P O G R A F I A
P O R T U G A L
À R U A D A R O S A
— N.º 14 A 16 —
E M L I S B O A



